

Os últimos Cinemas

Odeon e Olímpia, salas de tradição em Lisboa, estão em fase terminal de vida. Que futuro para estes espaços?

Texto de José Manuel Fernandes Fotografias de Luíz Carvalho

O Odeon e o Olímpia serão certamente dos últimos cinemas tradicionais a sobreviver fisicamente na área central de Lisboa, muito decadentes embora — e o Olímpia ainda realmente exhibe filmes, na variante porno.

Curiosamente, ambas as designações destes dois equipamentos aproveitam palavras de origem grega relacionadas com espaços de excelência ou de maravilhamento: odeon vem de «odeion», que corresponde ao «edifício destinado entre os Gregos ao ensaio da música que se havia de cantar nos teatros, e onde poetas e músicos, fazendo-se ouvir, disputavam os seus prémios» (como refere o «Dicionário» de Moraes); ou, no caso do Olímpia, a palavra designa a cidade do Peloponeso, a qual remete para o sentido mítico do Olimpo, ou «morada dos deuses».

Mas, descendo à terra: estas duas salas de cinema de Lisboa, que tiveram o seu esplendor entre as décadas de 1920-30 e 1940-50, encontram-se actualmente numa triste fase terminal. Constituem edifícios fronteiros, de cada lado da Rua dos Condes, junto à Praça dos Restauradores, rua aliás tradicionalmente ligada, nesta zona de antigas e medievais saídas da cidade, à diversão, ao espectáculo, à «transgressão» (e, a propósito, o antigo

Cinema Condes parece poder vir a ter um melhor destino, enquanto edifício, por via do anunciado projecto de qualificação pela equipa do arquitecto Souto de Moura, que o transformará de modo inteligentemente reversível, ou seja, sem destruir o grande espaço de sala de espectáculo, essência de qualquer cinema).

Olímpia e Odeon apresentam arquitecturas de fachadas curiosas, com alguma originalidade, sobretudo a do Odeon, o qual, inaugurado em 1927 (com «A Viúva Alegre» de Stroheim), foi pouco depois envolvido exteriormente por duas galerias metálicas de geometria algo Art Deco (em 1931, possivelmente por imperativo de criação dos regulamentares acessos antifogo) Quanto ao Olímpia, mais antigo e mais humilde no seu desenho, não deixa de evocar algum classicismo — inaugurado em 1911, foi então das salas mais populares da cidade, com a novidade das «matinéas», e as sessões de conferências, em 1917, com António Ferro falando das divas do cinema, em «As Grandes Trágicas do Silêncio» (cf. «Os Mais Antigos Cinemas de Lisboa», por Félix Ribeiro, Cinemateca Nacional, 1978)

Interiormente, enquanto a sala do Olím-

Odeon e Olímpia, junto aos Restauradores, têm arquitecturas de fachadas com alguma originalidade, sobretudo o Odeon, inaugurado em 1927



ia, modernizada sem graça, é modesta e discreta, a vasta sala do Odeon é bem mais impressionante: com vários pisos e níveis de acesso dentro do clássico modelo das grandes salas de cinema, evoluindo a partir dos espaços de teatro, com balcões, camarotes e «geral»; o que mais chama a atenção é porém a cobertura interior, qual caverna de barco, chapeada em belíssima madeira escura aparente (como a conheci há três ou quatro décadas), rematando num palco moldurado por um frontão curvo, decorado com os habituais motivos clássico-figurativos. Em articulação com esta pujante cobertura, as mais altas filas de camarotes (com formas de bojuda plasticidade modernista) são interrompidas pelos arranques das vigas curvas de suporte do tecto, num efeito quase expressionista e certamente impressionante. Culminando e centrando o conjunto, um lustre de neons, rectilíneos e irradiantes, polariza a nossa atenção. A percepção global desta sala é de quase vertigem, com a dimensão vertical a «puxar» o visitante, como que para um «poço escuro», atraente, antecipando o nosso mergulho nas imagens do «écran»... (cf. a obra «Cinemas de Lisboa», INAPA, 1995)

Na iminência de perder estes dois espa-

ços de tão antiga e ampla tradição, e possuindo um deles uma qualificada arquitectura, há que procurar a sua reutilização, eventualmente com outros fins que não o da projecção cinematográfica, por exemplo na linha do que está a ser tentado com o Condes.

De facto, algumas obras e investimentos foram sendo feitos pela Câmara de Lisboa, nas últimas décadas, com vista à recuperação e valorização funcional e estética da área da Rua das Portas de Santo Antão (que a Rua dos Condes liga aos Restauradores): a total repavimentação pedonal, a melhor articulação com a entrada no Rossio, a limpeza e fechamento das arcadas do Palácio da Independência, a peça azulejar de revestimento do camoniano Pátio do Tronco, a grandiosa obra de restauro do Coliseu. Só quem não conheceu esta mesma zona há 20 anos, então com patentes sinais de decadência e regressão, não notará diferenças. Mas há que não parar, ou criar-se-ão discontinuidades de investimento, que são fatais para as áreas de centro histórico, em lenta recuperação. Vários edifícios notáveis merecem aqui um apoio à sua melhoria ou restauro, desde o palácio da neo-árabe Casa do Alentejo, passando pela vetusta e simbólica So-

cidade de Geografia, ou pelo inovador e refrescante Solmar (marisqueira instalada também num antigo palácio, pelos anos 1950), entre vários.

A presença activa, como que ao desafio, do Politeama fronteiro ao Coliseu, exemplifica bem o caso de duas salas de espectáculo que conseguiram recentemente reafirmar uma dimensão popular e reavivar hábitos de frequência, e poderia sugerir um caminho análogo para a nossa «dupla» de Odeon-Olimpia.

Para ajudar, não esqueçamos que, numa perspectiva de reunião de «massa crítica» suficiente, um dos aspectos inovadores que poderia ser tentado é o da articulação espacial e funcional entre os vários espaços de espectáculos ou com actividades lúdicas, pré-existent: e, neste campo, acontece que o Odeon tem paredes meias com o Condes, enquanto o Olímpia tem uma ampla ligação interna, pelo interior do quarteirão, com o Politeama, ligação que poderia reactivar-se, caso fossem criadas funções complementares nos dois antigos cinemas (lojas, restauração, discospaços) — que também é necessária alguma imaginação, nestas coisas do património... ■

Novos conceitos salvam cinemas de referência

Rui Coelho

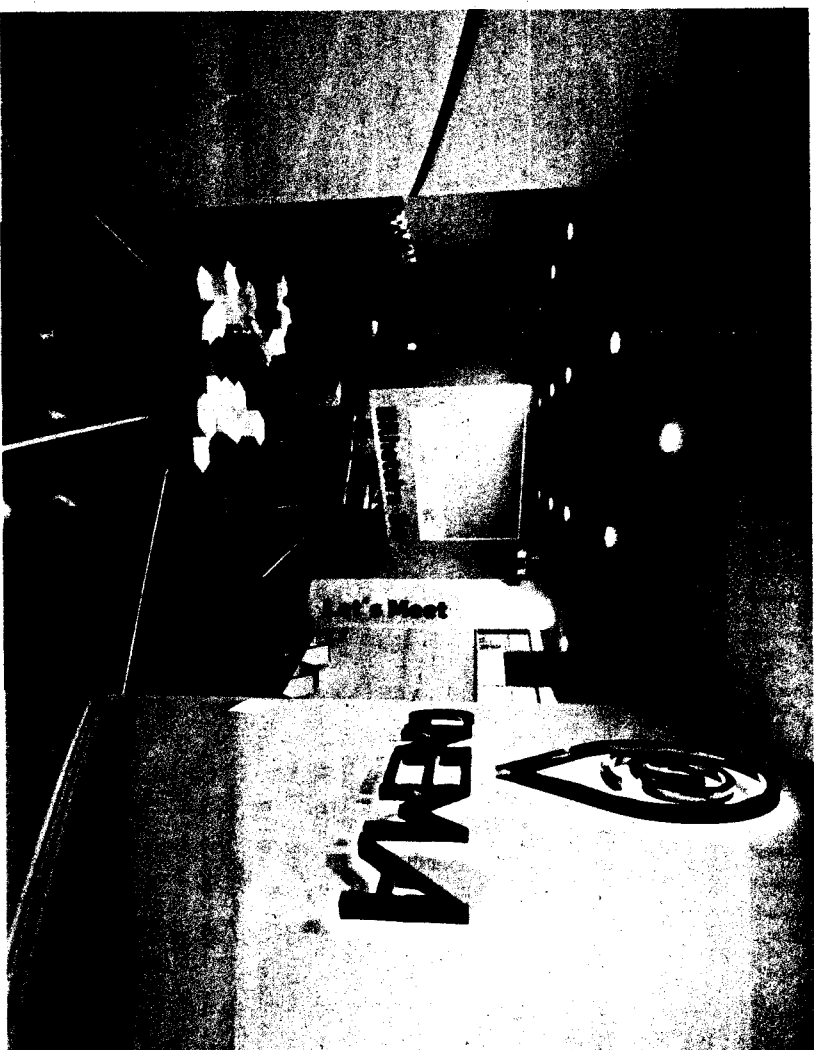
Darabéns aos promotores dos novos cinemas de Lisboa: @cinema no Saldanha Residence e Ideal no Chiado. Os novos conceitos que desenvolveram, um focado na tecnologia e no baixo custo, o outro numa programação alternativa, são uma mais-valia, também para o imobiliário, para as zonas em que se inserem e para a cidade, oferecendo novas possibilidades de lazer e enriquecimento cultural aos residentes, visitantes e turistas, ocupando espaços devolutos (antigos cinemas) e criando empregos e riqueza.

Contrariamente, lamentamos o fecho dos cinemas King e Londres, salas de referência da av. de Roma, que não conseguiram adaptar-se às novas realidades do mercado, designadamente a diminuição acentuada de público do cinema e a nova lei das rendas, empobrecendo esta zona de Lisboa.

Ambas as situações são exemplos de que também para as cidades, a única certeza é a mudança e a sua cada vez maior veloci-

dade. Interessando assim procurar perceber e, se possível, antecipar as novas dinâmicas da sociedade e dos mercados, agindo em conformidade com os riscos e as oportunidades que oferecem, e não tentar lutar contra dinâmicas que têm razões profundas para acontecer, como a demografia e a evolução cultural e tecnológica das sociedades.

No caso do cinema, hoje concorre com os mais de 100 canais de televisão que temos em casa e que podemos gravar, com o aluguer de filmes através do telecomando e com um universo de informação (e filmes) através da internet. É óbvio que os cinemas se teriam de adaptar a esta realidade encontrando formas de serem atrativos e rentáveis ou então fechar as portas e mudar de atividade. Lembra-se das lojas de aluguer de cassetes de vídeo? Somos também confrontados com a recorrente polémica em torno do Cinema Odéon, fechado há cerca de 20 anos e a ameaçar descaracterização ou ruína. A história é triste mas comum: um imóvel extraordinário, arrendado a uma empresa incompetente, que vivia da exibição de fil-



mes pornográficos e depois deixou de pagar a renda, processo de despejo, ocupações ilegais, atos de vandalismo e roubos.

Enquanto isso, todas as grandes salas de cinema de Lisboa se reinventaram, passando a múltiplos usos ou encontrando outras funções: veja-se o Condés e o Eden mesmo ali ao lado. Os herdeiros do Odéon, muitos e com diferentes interesses, decidem vender. Aparecem interessados em instalar um hotel, projeto recusado pela Assembleia Municipal de Lisboa. Posteriormente é aprovado um pedido de informação prévia para uma espécie de centro comercial 'cultural', que divide a sala em andares, para au-

mentar a área utilizável, o valor e as possibilidades de venda (no entender dos proprietários), contempla um parque de estacionamento de elevado custo mas diversa utilidade, pois há outro a 40 metros, e preserva, de acordo com as orientações do IGESP/AR e da CML, a fachada, o teto de madeira e o frontão do palco.

A notícia de que o Odéon ia ser vendido e descaracterizado surge em petições para a sua classificação, apelos à sua transformação em cinema, ou em museu do cinema...

O mesmo que se tem vindo a passar com a Livraria Sá da Costa e outros espaços emblemáticos e queridos da cidade que, pa-

ra o seu bem, tem uma opinião pública (e publicada) cada vez mais forte. Acontece que, do meu ponto de vista, a solução para o Odéon ou outros imóveis emblemáticos não está na obrigatoriedade de manter as antigas funções, mas sim em encontrar rapidamente quem lhes dê uma nova vida através de conceitos adaptados ao presente e ao futuro, para benefício e valorização das zonas onde se inserem e da cidade. Pre-

cisamente como estão a fazer os promotores do @cinema e cinema Ideal. Mas para isso não é necessária, antes pelo contrário, a sua descaracterização.

Tomemos como exemplo os espaços mais interessantes de Lis-

No centro comercial Saldanha Residence, em Lisboa, o cinema sofreu uma transformação
FOTO ALEXANDRE VAZ

boa, todos eles fazem das suas características arquitetónicas distintivas, por alguns julgada irremediavelmente desatualizadas e impeditivas de sucesso comercial, a sua grande força, como são os casos da LX Factory, Startup Lisboa, Central Station Embaixada, ou até do MUDE das Arcadas da Praça do Comércio. Cada um, da sua forma, conseguiu manter as suas características arquitetónicas distintas, com adaptações é certo, desenvolver conteúdos apelativos. É exatamente o que se deveria fazer com o Odéon, cujo grande mais-valia, além da localização, é a arquitetura, exterior e interior. É isso que fará com que pessoas de todo o mundo queiram ir, desde que a mesma seja adaptada e complementada com conteúdos de excelência, não forçosamente cinema. Se o normalizarem destruir não só o património arquitetónico mas também o grande potencial económico que o imóvel possui e a possibilidade de se desenvolver uma nova atração turística em Lisboa.

Diretor-executivo Invest. Lisboa